

Queria viajar ao centro da terra, procurar as raízes profundas deste mistério que é a vida e transportar em mim todas as pedras, lama e pó que assentam delicadamente no manto lasso da calamidade humana.

Desejo sentir o pulsar do solo que cobre a imensidão do eterno, enxugar meus lamentos na folhagem fria e seca que cobre meus pés e camuflar todas as mutações imprevistas, aclamadas pelo grito ancestral da humanidade, que gere, cria e constrói muralhas à sua volta...

Anseio escutar o canto dos trevos em flor, abraçar a seiva que delicadamente percorre os ciprestes, beber dessa vida límpida e subir ao cume mais alto, soltar o grito que me cala e que me encanta!

Esbracejar na neve húmida e envolver-me amorosamente em cada floco pálido que adorna o meu corpo em tons angelicais e insanos. Puros!

Expulsar azedumes e tristezas, recolher-me ao ventre fecundo que me salva e abriga. Reencontrar-me estendida placidamente, numa vagem que outrora foi semente.

Temerei o dia em que a terra deixar de girar sobre si mesma, ou que o mar oculte o céu, os montes, montanhas e vales, e que tristemente sejam devastados pela apatia humana imune à sua condição.

Quero correr nos campos em delírio, fazer brotar água límpida e fresca!

Rodear-me de mistérios, papoilas e silvos. Gritar!

Encontrar em mim todas as certezas incertas deste suspiro incessante que encerra todos os encantos e desencantos de uma Natureza imóvel, que respira, pulsa e vive!

Porque sou parte ínfima deste ser magnânimo, pujante e perecível.

Porque sou, na virgindade absoluta de se ser puro, parte viva que exalta, amadurece e retorna ao âmago do eterno.

Quero viajar ao centro de mim!

Encontrar as raízes que alimentam e sustentam o meu ser!

Natureza viva em mim!